

FROM THE “ESPANTO” OF THE LAND TO THE KNOWLEDGE OF BRAZIL. IMPACTS AT THE UNIVERSITY OF COIMBRA

# Do «espanto» da terra ao conhecimento do Brasil. Impactos na Universidade de Coimbra\*

Maria Alegria Fernandes Marques

**Universidade de Coimbra**

mfm@fl.uc.pt - <https://orcid.org/0000-0003-1016-2057>

---

Fecha recepción 14.07.2022 / Fecha aceptación: 08.02.2023

## Resumo

Partindo-se do conhecimento da experiência dos portugueses nos contactos com povos não europeus por ocasião da chegada a terras do Atlântico Sul, pretende-se analisar *o espanto* que a nova terra e os seus habitantes provocaram nos portugueses, bem assim a curiosidade que a maravilha da terra lhes causou e que os levou a adentrá-la e a conhe-

## Abstract

Departing from the knowledge of the experience of the Portuguese in their contacts with non-Europeans upon their arrival to the South Atlantic lands, we intend to analyze not only *the astonishment* that the new land and its inhabitants provoked in the Portuguese, but also the curiosity that the wonders of the land caused them and that led them to enter

---

\* A palavra «espanto», com o sentido de «maravilha», «grande admiração», «deslumbramento», ocorre em relatos sobre o Brasil produzidos logo no início do século XVI. Pêro Lopes de Sousa, escrevendo ao longo de 1530-1532 a sua *Navegação no descobrimento da costa do Brasil*, afirma: «... é a mais formosa terra e mais aprazível que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos e homens que foram à Índia e franceses. Todos eram espantados da formosura desta terra e andávamos todos pasmados que nos não lembrava tornar...». In Cortesão, 1956, p. 490. Em espanhol, poderá dizer-se «admiración; estupefacción; maravilla».

cê-la. Com a fixação dos portugueses, iniciou-se uma corrente de busca de Portugal, sobretudo o saber da sua universidade, originando uma plêiade de cientistas brasileiros, que deixaram obra notável em diversos ramos do saber, particularmente através das célebres *viagens filosóficas* do século XVIII. Donde, a existência de colecções literárias e científicas na Universidade de Coimbra.

## Palavras-chave

Descobrimientos, Brasil, Universidade de Coimbra, Viagens filosóficas, Colecções científicas

and to know it. With the settling of the Portuguese, a current of search for knowledge began from Portugal, especially from its university, originating a plethora of Brazilian scientists, who left remarkable work in various fields of knowledge. Particularly, the famous *naturalistic journeys* of the XVIII century were at the origin of literary and scientific collections at the University of Coimbra.

## Keywords

Discoveries, Brazil, University of Coimbra, Naturalistic journeys, Scientific collections

## Introdução

Quando, no ano de 1500 (22 de Abril), Pedro Álvares Cabral aportou a terras no Atlântico Sul, as relações de imediato estabelecidas com os naturais anunciaram-se bem diversas daquelas que se viviam nas costas de África<sup>1</sup>.

Aqui, e ultrapassado o Cabo Bojador e, logo após, o Cabo Verde, era a grande África negra que se oferecia aos portugueses. Conhecida nos seus habitantes, os negros do sul de Marrocos, do sul do deserto, mas desconhecida na sua geografia e na sua natureza, era um mundo novo que se abria a seus olhos e entendimento.

Por relatos que nos chegaram ou por notícias plasmadas nas crónicas do tempo, sabe-se que, apesar das novidades que os homens encontraram, não foi de absoluta surpresa o contacto entre portugueses e negros da Guiné, entendendo-se, por este nome e pela época, o amplo espaço que se estende do rio Senegal até ao rio Orange<sup>2</sup>.

O mesmo não se pode dizer acerca da natureza desses mesmos contactos. Dizem as notícias do tempo que, frequentemente, os portugueses procuravam apanhar os negros de repente, aproveitando ou acidentes do terreno ou um qualquer descuido seu. A tática não se mostrou muito favorável à aproximação: os negros passaram a ser muito mais cuidadosos e, por isso mesmo, mais defensivos e agressivos, enquanto, por outro lado, em zonas influenciadas pelos muçulmanos, estes se encarregaram de introduzir elementos perturbadores a uma qualquer relação mais franca e amistosa. Assim, demorou tempo a que, entre negros e portugueses se estabelecesse uma convivência salutar, geradora de confiança para benefício mútuo, sobretudo através do trato comercial<sup>3</sup>.

Pelas mesmas razões, o conhecimento da terra pelos portugueses ficava escasso: a aproximação era costeira, raramente um ou outro se afoitava a internar-se pelo sertão africano, até porque o território se começava a mostrar de floresta densa e rios largos, como o Senegal.

---

1. Sobre esta matéria e suas consequências futuras, ver Andrade, 1999, pp. 43-66.

2. Progressivamente, a designação de «Guiné» haveria de limitar-se, confinando-se à área das várias Guínés, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri e Guiné Equatorial; cfr. Matos, 1993, p. 340.

3. *Monumenta Missionaria Africana.*, pp. 18-52, 118-133, 183-213.

Não sendo tais notícias as que mais satisfaziam os governantes em Portugal, as viagens continuavam, cada vez mais longas e, a certo momento, com um objectivo bem definido, chegar à Índia, à terra das especiarias. Sem mais detalhes, diremos que era mais um motivo para que os contactos dos portugueses com a África se confirmassem como coisa de passagem, sem mais interesse. E nem a chegada dos portugueses ao reino do Congo e as boas relações que entabularam com o respectivo rei alteraram esse olhar sobre a África, até porque elas foram efémeras<sup>4</sup>.

Foi a Índia e a atracção que representava que, formalmente, levou os portugueses a terras americanas, pois, como é sabido, foi na segunda armada enviada ao Oriente, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, que os portugueses chegaram a terras do Atlântico Sul, aquelas que se viriam a conhecer sob o nome de Brasil<sup>5</sup>.

## As notícias do Brasil e o «espanto» da terra

Não foi preciso recorrer a lembranças, nem a relatos de terceiros para se fixar, pela escrita, o registo de notícias sobre a terra de Vera Cruz, o nome dado à terra que viria a ser o Brasil. Pêro Vaz de Caminha, o escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, no justo cumprimento do seu ofício, acabou por deixar, à posteridade, em carta dirigida ao rei de Portugal, o melhor relato e o melhor retrato das gentes dessa nova terra que, diga-se, os portugueses julgaram ilha, num primeiro instante. A carta

muito rica no cenário que nos transmite: brasileiro, em termos do objecto material do que é contado, europeu, no destinatário a quem se dirige (...), reflecte muito bem o complexo mundo de novidades, certezas, dúvidas, acertos e desacertos que povoam o espírito dos que vão na armada (...)<sup>6</sup>.

E indica que:

[desde o princípio] a novidade do achamento deslumbra os tripulantes da armada (...) [e os] contactos com os indígenas: aparentemente fáceis, indiscutivelmente pacíficos (...) levam os portugueses a pensar que se encontram em face de ambientes paradisíacos. Na realidade, o escrito de Caminha está eivado de um optimismo messiânico<sup>7</sup>.

O retrato de Caminha mostra-nos o primeiro contacto com gentes de nudez plena, sem maldade ou artifício, abertas aos recém-chegados, ávidas de conhecimento desses outros

---

4. Sobre todas estas matérias, ver Albuquerque, 1993b, pp. 137-149; Lopes, 1993, pp. 250-263; Dias, 1993, pp. 281-299.

5. Guedes, 1993, pp. 180-197.

6. Fonseca, 2001, 264-265.

7. *Ibidem*.

homens cuja origem e proveniência nem sequer podiam imaginar, gentes que abriram caminhos, que levaram os portugueses até às suas aldeias, já afastadas da costa, para quem nem a barreira da língua foi obstáculo<sup>8</sup>. Era uma experiência nova para os navegantes portugueses. Em relação promissora, os indígenas com quem contactaram nesse instante primeiro mostraram-se dóceis, afáveis, interessados, colaborantes. Bem diferentes daqueles com quem os navegadores se cruzaram em África.

As condições do mundo português iriam ajudar: em breve, a Índia se mostraria como uma ilusão, e, falhos das suas fortunas e miragens, os portugueses procurariam cumprir os sonhos do império noutras paragens. O Brasil, ali tão perto, mostrou-se a terra da promessa; o pau vermelho, o pau brasil, revelar-se-ia a primeira riqueza. Com o sonho, começavam a chegar homens de vários recantos de Portugal, e, com eles, os seus usos e costumes, onde não faltavam os produtos próprios das suas terras. Das ilhas atlânticas – para não falar do Algarve, mais longínquo –, chegava, desde logo, a cana do açúcar, cujo primeiro engenho já estava instalado em 1533, em São Vicente.

As notícias que cedo chegaram, traziam novas de uma terra de gentes acolhedoras, afáveis, e de uma natureza rica e abundante de frutos oferecidos aos homens, onde não faltavam as possibilidades de existência de metais preciosos e pedrarias<sup>9</sup>. Tudo razões que fizeram acorrer gentes portuguesas, de muito cedo.

Nelas se contaram homens que muito se interessaram em registar aquilo que viam, pelo que são numerosos os relatos acerca das novidades da Terra de Vera Cruz.

Ao mesmo tempo, não pode esquecer-se que foi pela primeira metade do século XVI que se assistiu à fundação de uma nova ordem na Cristandade, a *Sociedade de Jesus* (1534, reconhecida em 1540), que, chegada a Portugal (1540), havia de se inserir muito rapidamente na tarefa da expansão portuguesa, com a Índia (1542) e as terras do Atlântico Sul (1549) a serem palcos favoritos da sua actuação. A missionação, bem como a educação foram, como se sabe, os pontos fortes da sua actuação pelos extensos impérios de Portugal e Espanha, logo depois, luso-espanhol.

A presença de jesuítas pelo espaço da terra brasileira, dia a dia mais extensa, foi um factor determinante para a existência de relatos sobre a terra e as suas gentes pois que os jesuítas, letrados e interessados na presença por essas paragens, muito fizeram por divulgar aqueles aspectos que se lhes afiguravam mais pertinentes e de maior impacto junto de outros seus correligionários, que desejavam seus companheiros por essas terras.

Destes tempos, ficaram-nos diversos relatos, notícias e testemunhos, cada um ao modo do seu autor, a dar conta da terra e das gentes. Eram, afinal, a manifestação empírica de um novo mundo, traduzida na novidade de uma natureza física que deslumbrava e fascinava, ao mesmo tempo que provava «a regularidade da ordem natural»<sup>10</sup>, enquanto, pelo seu valor

8. Filipe, 1993a, pp. 198-209 e 1993, pp. 210-222 (bibliografia a pp. 648-649). Sobre o significado, ao tempo, ver Araújo, 2001, pp. 170-182.

9. Filipe, 1993b, pp. 210-222.

10. Barreto, 1993, p. 410.

documental, expressam uma corrente de inovação na expressão literária do tempo<sup>11</sup>. Mais genericamente, correspondem a um novo género literário que as viagens marítimas tinham ajudado a despontar, o de literatura de viagens<sup>12</sup>. E bem assim se pode dizer, pois quer portugueses, quer estrangeiros ao serviço de Portugal desde cedo começaram a registar o que mais os impressionava, do que viam ou ouviam relativamente à África, deixando vários relatos que muito nos elucidam sobre a vista e os contactos dos portugueses com essas novas terras<sup>13</sup>.

Sobre as terras do Atlântico Sul - aquelas que nos importam -, a carta de Pêro Vaz de Caminha sendo ímpar no seu conteúdo e no seu significado, é, ela própria, um magnífico exemplar desse novo estilo. Mas não ficou única sobre as terras de Vera Cruz. Dentre as narrativas do primeiro século do seu conhecimento, há que referir outros autores e outros documentos, alguns deles publicados a propósito das comemorações dos (grandes) descobrimentos portugueses, em finais do século XX<sup>14</sup>.

Dentre eles, vale destacar: *Navegação do capitão Pedro Álvares Cabral*<sup>15</sup>, a *Navegação no descobrimento da costa do Brasil*, de Pêro Lopes de Sousa, escrita ao longo dos anos 1530-1532<sup>16</sup>, *Tratado da Província do Brasil e História da Província de Santa Cruz*, ambos de Pêro de Magalhães Gândavo, com o segundo a ter sido impresso em Braga, em 1576<sup>17</sup>; *Notícia do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa, dono de engenho, apresentada em Madrid, em 1587<sup>18</sup>; *De algumas coisas mais notáveis do Brasil e de alguns costumes dos índios*, do jesuíta Francisco Soares, escrito em 1589<sup>19</sup>. No final do mesmo século, o P.º Fernão Cardim, também jesuíta, escrevia a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo), etc., desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Christóvão de Gouvêa*, a que juntaria outros textos, sob o título *Do princípio e origem dos Índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimónias* e ainda *Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notáveis que se acham assim na terra como no mar*<sup>20</sup>.

11. Castro, 1993, p. 357.

12. Pinto, 1994, pp. 606-613.

13. Um bom e alargado inventário acerca destas matérias pode alcançar-se em Andrade, 1972.

14. A cargo da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (1986-2002), organismo público ao qual incumbiu a preparação, organização e coordenação das celebrações dos descobrimentos portugueses dos séculos XV e XVI.

15. Crê-se ter sido escrita por um piloto da armada que terminou a viagem de Cabral até ao Oriente, sendo, portanto, um relato dos principais momentos e aspectos da viagem de Cabral, de Lisboa à Índia e vice-versa. In Albuquerque, 1989a, pp. 35-63.

16. In Cortesão, 1956, pp. 430-512.

17. A primeira foi impressa apenas em 1965; a segunda, foi publicada, de novo, in Albuquerque, 1989a, pp. 67-119.

18. Albuquerque, 1989b.

19. In Albuquerque, 1989a, pp. 131-187. A obra foi escrita já em Portugal, após regresso do autor.

20. Os textos foram publicados apenas no século XIX e já no século XX foram reunidos e publicados, no Brasil, sob o título *Tratados da terra e gente do Brasil*; cfr. Cardim, 1925. Em Portugal, foram publicados em 1997; cfr. Cardim, 1997.

Ao nosso intuito, importam, sobretudo, as obras de Pêro de Magalhães Gândavo, pelo facto de terem sido escritas por alguém que já conhecia a terra do Brasil, pois que Gândavo assim o indica na dedicatória à rainha D. Catarina. Tais obras significaram, no seu tempo, o colmatar daquilo que o seu autor considerava uma lacuna entre os portugueses: um texto que desse a conhecer as características e as enormes potencialidades da terra do Brasil, facto tanto mais grave quanto tais novidades começavam a correr pela Europa, com tudo quanto implicavam de conhecimento e de acirrar de desejos de terceiros sobre tais mundos<sup>21</sup>.

A obra mais significativa de Gândavo é a *História da Província de Santa Cruz*, pois é o primeiro testemunho sobre a terra por parte de um «português» a ter lá permanecido, bem como representa o mais antigo prospecto sobre as enormes potencialidades da terra, tão grandes aos olhos do autor, que a considerava capaz de abrir-se a uma colonização proveitosa, mais promissora que a miragem da Índia. Note-se bem que a obra é o primeiro livro escrito e impresso sobre o Brasil. Gândavo mostrava-se já conhecedor do Brasil, de um Brasil litoral, onde sobressaíam os rios, como elementos naturais (Amazonas, Maranhão, São Francisco, Prata e Paraguai), onde o solo era fértil, os ares temperados, as águas e arvoredos abundantes, enfim, «a terra deleitosa e aprazível à vista humana»<sup>22</sup>, tudo isto suficientemente ilustrado com a indicação e descrição das plantas, árvores, frutos, animais de caça, aves e peixes que habitavam na terra. Além disso, e como seria de esperar de alguém que viveu na terra, não faltava, na obra, a dissertação sobre a antropologia e etnografia da nova terra, com a descrição física e dos hábitos e usos dos seus homens. Igualmente, fornecia indicações sobre o processo da colonização em curso, especialmente a organização em capitánias, sem grande atenção ou delonga nas mudanças que se avizinhavam para a administração centralista, de governo-geral, sem lhe passar despercebida a cobiça dos franceses sobre as terras litorâneas. Do mesmo modo, não lhe passou à margem o ainda embrionário trabalho de missionação dos jesuítas, recentemente instalados na colónia, mas já tão ardorosos trabalhadores na messe da conversão e catequização dos gentios.

Por sua vez, Gabriel Soares de Sousa, um natural de Lisboa ou, pelo menos, da região Centro de Portugal, senhor de engenho e explorador do sertão da Baía, apresentou, em 1 de Março de 1587, em Madrid, ao Secretário de Estado de Filipe I de Portugal e II de Espanha, um relatório a justificar a sua pretensão a uma concessão régia de exploração de jazidas minerais do sertão baiano. O texto, «verdadeiramente notável», de «um espírito científico espantoso para a sua época»<sup>23</sup> marcou o seu tempo, pelas inúmeras cópias que dele se fizeram.

A terra do Brasil cada vez mais se impunha aos portugueses, deslumbrados, curiosos e atraídos por esse novo mundo. À medida que o tempo corria e se esfumavam, aos portugueses, os sonhos da Índia, mais se afirmava o gosto, o desejo e a necessidade de se conhecer

---

21. Como autores e obras estrangeiras com notícias sobre o Brasil, citem-se os seguintes textos quinhenistas: *Paesi novamente ritrovati...*, *Duas viagens ao Brasil* e *Les singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique...*; cfr. Montalboddo, 1507, Staden, 2008, e Thevet, 1558.

22. In Albuquerque, 1989a, p. 74.

23. In Albuquerque, 1989b, p. 260.

o Brasil. Era a procura de riquezas e dos homens que os jesuítas acreditavam poderem fazer ingressar na grande Cristandade, já que reconheciam, neles, mais facilmente as virtudes que, devendo ser próprias de cristãos, entre estes iam rareando. De um misto de curiosidade, necessidade e proselitismo dos europeus, sobretudo portugueses, se foram desbravando caminhos ao longo do dilatado sertão brasileiro. Alargavam-se conhecimentos, somavam-se novidades, comparavam-se as novas terras com o Portugal europeu, criavam-se fantasias que impeliam a mais avanços. Padres jesuítas, como Fernão Cardim e Francisco Soares, escreviam, maravilhados da terra que viam! Ao primeiro, a terra ofereceu-se-lhe como um «outro Portugal, e não falando no clima que é muito mais temperado e sadio, sem calmas grandes, nem frios, e donde os homens vivem em poucas doenças; (...) nem falando do mar que tem muito pescado, e sadio, nem das cousas da terra que Deus cá deu a esta nação»<sup>24</sup>. Já ao segundo, «*todo o Brasil [lhe pareceu] um jardim fresco*»<sup>25</sup>.

Em todas estas obras perpassava o encanto pela nova terra, as suas riquezas, as suas potencialidades, a sua atractividade, e o interesse dos autores sobre a natureza local, nos seus aspectos físicos e antropológicos. São regra as informações acerca da natureza e do clima da terra, dos naturais, nos seus traços físicos, nos seus costumes, na sua língua, e ainda apontamentos sobre plantas e animais<sup>26</sup>. E tudo isto, muitas vezes, na comparação com o seu mundo originário, isto é, o espaço do reino de Portugal, não sem destacarem os nomes indígenas por que eram conhecidos. Porém, como homens do fim de um tempo, o medieval, não lhes ficaram de fora as referências a seres imaginários, como não deixaram de ser permeáveis a lendas e fantasias, sobretudo quando estas se ligavam a riquezas, ouro e pedras preciosas, num misto daquilo que desejavam com as nebulosas notícias que os autóctones lhes forneciam ou eles assim o criam.

Resulta também que, ao contrário dos testemunhos dos portugueses sobre as terras e as gentes do continente africano, conhecidos apenas por textos cronísticos e relatos de indivíduos que não participaram nas expedições, os testemunhos sobre o Brasil são experiências vividas, de portugueses ou residentes em Portugal que durante algum tempo de suas vidas viveram no Brasil. Donde as características tão próprias, tão peculiares, que se lhes tem que atribuir. Daí também a sensação de espanto, de deslumbramento, de fascínio, que eles denotam e afirmam.

Os escritos sobre o Brasil continuaram a surgir, até porque a terra se mostrava uma fonte incessante de novidades. Em 1711, um outro jesuíta, André João Antonil, publicava

24. Cardim, 1997, p. 18.

25. Albuquerque, 1989a, p. 190.

26. E limitamo-nos às obras descritivas, que não recolhem a totalidade de aspectos que mereceram a atenção dos portugueses ou daqueles que agiam em seu nome. É o caso do P. José de Anchieta, «o Apóstolo do Brasil», espanhol de nação, mas jesuíta em missão portuguesa, e autor de diversas obras com muito interesse ao conhecimento desse Brasil «primitivo», entre elas uma gramática do tupi, a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, impressa em Coimbra por António de Mariz, em 1595; cfr. Almeida, 2010, pp. 59-61.

*Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*<sup>27</sup>, sob o pseudónimo de João António Andreoni. Mandada recolher e destruir, nesse mesmo ano, por ordem régia (são muitas e importantes as informações acerca do ouro, seus locais de origem e caminhos para lá chegar), esta obra era distinta das anteriormente consideradas. Não era mais a terra e as gentes do Brasil o centro de atenção do autor. Interessaram-lhe as actividades económicas, tratadas nas quatro partes da obra: as duas grandes culturas do Brasil, o açúcar e o tabaco, a exploração mineira, reflectindo quer a sua antiguidade, quer a sua importância económico-social no território, e ainda a criação de gado e manufactura de couros.

Pelas novidades que representavam, estas e outras notícias corriam velozes, espalhando, até bem longe, informação sobre as novas terras e as suas riquezas e potencialidades<sup>28</sup>. A Europa interessava-se, nas suas cortes e nos seus súbditos. Incendiavam-se os ânimos dos mais afoitos e acendia-se a cobiça dos poderosos.

## **O Brasil, lugar de destino**

Para o Sul, rumavam os portugueses; para o Sul se encaminharam os espanhóis e também a Europa do Norte, tanto mais quanto o seu comércio se abatera um tanto pela impertinência inicial dos portugueses e se reavivara sob a sua capacidade inventiva.

Percebido, desde o início, o génio lento e algo indiferente do indígena da terra brasílica perante o trabalho, foi necessário procurar, noutros lugares, a mão de obra que escasseava para os engenhos, que, quase de pronto, aí se estabeleceram. Se a África comungava do mesmo oceano sul, ela ficava, de facto, ali muito perto. África e Brasil complementavam-se sob a supervisão do português. Estava preparado o terreno para o caldo cultural das novas terras: a mestiçagem seria a sua grande marca.

Mas ela seria também a razão da sua sobrevivência. Quando o império português entrou em crise, até ao colapso, em 1580, os territórios portugueses foram alvo de ataques de todos, é sabido. Perante a ofensiva holandesa e dos outros povos do norte da Europa, foi essa complementaridade entre as duas margens do grande Atlântico Sul, criada pelas circunstâncias, é certo, mas que exigiu a resposta dos portugueses, foi ela, dizíamos, a chave da vitória e da permanência, como que a provar que a semente não estiolava.

E não estiolou. Se Portugal superou a crise em que mergulhara, recobrando a independência face a Espanha, em 1640, as terras da América do Sul tornar-se-iam o palco maior da aventura portuguesa. Com efeito, as *bandeiras*, isto é, as expedições organizadas para a exploração do interior sertanejo do Brasil, no que a riquezas materiais, ouro, prata e pedras preciosas dizia respeito, bem como para a captura de indígenas<sup>29</sup>, acabaram por servir para

---

27. Albuquerque, 1989c.

28. Como exemplo acabado do que afirmamos, veja-se Andrade, 1972. Ainda sob uma outra perspectiva, a pictórica, ver Faria, 1995.

29. Ter-se-ão iniciado ainda no século XVI, com a participação tanto de portugueses, como de espanhóis. No entanto, a sua época áurea terá sido o século XVII e primeiras décadas do XVIII.

a construção de um país, no que proporcionaram de conhecimento da terra e das gentes, de manutenção das estruturas económicas vigentes, da abertura a novas fontes de riqueza e ainda do alargamento do espaço português para além dos limites do Tratado de Tordesilhas (1494), e, por consequência, da fixação dos limites da colónia do Brasil.

Pelo mesmo tempo, o Brasil era já um lugar de destino de muitos portugueses: nobres, desempenhando as mais variadas funções em nome do rei; clero, na sua função de missão, alargando a fé cristã, tanto mais que, desde o início, os indígenas foram vistos como almas muito fáceis de conduzir à mensagem de Jesus Cristo; por fim, os populares, que procuravam, nessa terra, a fortuna que a sua lhes negava.

Entretanto, a coroa de Portugal tratara de organizar o governo da nova terra, perante a ameaça dos corsários franceses nas costas brasileiras e o comércio ilegal do pau-brasil. Após um primeiro ensaio (capitania de Fernão Noronha, 1504), em 1534 foi instituído, no território, o sistema de capitanias, isto é, a concessão de lotes de terra, faixas territoriais «traçadas» no sentido longitudinal, a capitães-donatários que, na sua circunscrição gozavam de autoridade máxima, devendo, contudo, desenvolvê-la a expensas próprias. Breve se percebeu que não seria o modelo adequado, quer pela sua diversa dimensão, que tanto exigia recursos diferentes, como proporcionava rendimentos diversos, quer pela dificuldade de adaptação de muitos portugueses, quer pela falta de recursos humanos, pelos ataques de tribos indígenas e de corsários, pelo isolamento de algumas capitanias e pela inexistência de articulação entre si e de um governo central capaz de lhes oferecer um amparo que a distância do reino exigia. Tudo junto, justificou a instituição de um outro sistema de governo, o de governo-geral (1548), sobrepondo-se ao anterior, que haveria de administrar o Brasil até 1808, isto é, até à chegada da família real portuguesa ao Brasil<sup>30</sup>. Com eles se afirmava um aparelho administrativo, preenchido por um funcionalismo crescente, ido do reino e, a certo momento, também já da terra, e que tinha como modelo a metrópole, como não podia deixar de ser. Também muitos destes se haviam de interessar por deixar escritos os seus testemunhos sobre a terra, sobretudo pelas viagens que as suas funções lhes exigiam. Por isso, o Brasil continuou a ser um manancial de inspiração para muitos portugueses, sobretudo no registo de viagens.

Tudo isto, para dizer que, cedo, se criou uma corrente de gente europeia, particularmente portuguesa e maioritariamente composta de indivíduos do sexo masculino, a caminho do Brasil. E cedo também começou a miscigenação. Exemplo claro dessa enorme capacidade de os portugueses se aculturarem, se amoldarem a novos espaços, se fundirem com outras gentes, está na figura de *Caramuru*, o português Diogo Álvares Correia, natural de Viana do Castelo. Único sobrevivente do naufrágio que, por volta de 1509, o levou à costa brasileira, foi aceite pelos indígenas e, ganhando o seu respeito, haveria de se tornar no primeiro colonizador europeu do Brasil e mentor de relações diplomáticas entre os indígenas e os europeus, mormente os portugueses. Entretanto, muitos outros portugueses chegavam ao Brasil, seduzidos pelas notícias das suas riquezas, não faltando também os estrangeiros, franceses,

---

30. Na sequência da ameaça dos exércitos napoleónicos, a corte portuguesa foi buscar refúgio no Brasil, em 1807, tendo aí permanecido até 1821.

primeiro, logo seguidos de holandeses, todos em busca do mesmo, por iniciativa própria, ou mandado real. Com todos, crescia a colónia em gentes e no domínio de novas terras que os homens iam entrando pelos sertões da grande terra que o Brasil se revelava ser.

Que a colónia crescia com os olhos postos em Portugal, não havia dúvida. Referindo-se ao lugar central da cidade de Salvador na construção do Brasil<sup>31</sup>, como centro irradiador de gentes e projectos, o historiador brasileiro Cid Teixeira definiu bem a distinção entre aqueles que iam, em torna-viagem, e aqueles dispostos a lançar raízes. Tanto, que escreveu:

«Em Salvador ficaram os homens de negócios e os servidores da máquina do estado. Ficaram aqueles que viram na terra do Brasil tão-só uma oportunidade de enriquecimento ou um tempo para cumprir deveres burocráticos. Moravam na «cidade baixa» e resistiram o quanto possível aos processos naturais de integração e aculturação «(...) Viviam em estado de nostalgia, em permanente diáspora. (...) Eram homens em permanente estado de tristeza, contando o tempo para o retorno, buscando razões para não esquecer as origens»<sup>32</sup>.

Já para o Recôncavo, primeiro passo de uma expansão que os levaria longe, «foram os que aqui chegaram para ficar. Os que foram seduzidos pela terra e logo se tornaram brasileiros»<sup>33</sup>.

## **Portugal – Brasil e os elos que o mar estreitou. Os brasileiros na Universidade**

Mas nem mesmo estes se desligaram de Portugal, das suas práticas, das suas instituições, logo tornadas paradigmas, e dos acontecimentos que aí se produziam. Inexistente a instituição universitária no Brasil (como por todo o império português), cedo se iniciou uma longa corrente, a qual, trazendo brasileiros a Portugal e devolvendo-os formados<sup>34</sup>, ajudou a instruir uma

---

31. São Salvador da Baía de Todos os Santos (hoje, Salvador) foi fundada em 1549, por Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, por ordem do rei (D. João III) de Portugal. Nasceu cidade e foi a primeira capital do Brasil, até à mudança para o Rio de Janeiro, no início do século XIX.

32. In Valladares et al., 1991, pp. 60-62.

33. In Valladares et al., 1991, p. 62.

34. Com base num elenco preparado por Morais, 1949; Fonseca, 1999, pp. 527-559, apresenta os números e ritmos da presença de brasileiros a estudar em Coimbra, entre 1600 e 1850, bem como a sua proveniência regional. É de notar o crescimento de matrículas de estudantes brasileiros a partir de 1721-1725, sustentado até 1791-1795, com mais dois momentos, 1816-1820 e 1821-1825 (o autor apresenta os dados por quinquénios). Segundo os dados do Autor, a proporção de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra terá sido de 12% nos 7 anos anteriores à reforma da Universidade (1772), a qual subiu para 15,6% no período de 1772 a 1789, tendo chegado, pontualmente, a 30,2%, em 1755. No mesmo trabalho se colhe informação acerca dos grandes centros que enviaram estudantes à Universidade, os quais foram, por ordem decrescente, Baía, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão e São Paulo.

elite dirigente que havia de fazer germinar um sentimento de identidade e de nação que, três séculos volvidos, ajudava a justificar o nascimento do Império do Brasil<sup>35</sup>.

Deixando de lado muitos dos aspectos materiais em que se consolidou a persistência destes elos<sup>36</sup>, centremo-nos apenas nos homens que os souberam tecer. Na verdade, o Brasil, pelos seus filhos, bebeu muito do seu saber e do seu ser em Portugal<sup>37</sup>. Em contrapartida, também é verdade que Portugal muito ficou a dever a muitos desses brasileiros que, um dia, rumaram à metrópole, para fazerem a sua formação intelectual.

No momento, e até para melhor responder à temática do Congresso, interessam-nos aqueles que foram contemporâneos e, simultaneamente, beneficiados e agentes da reforma pombalina da universidade portuguesa, levada a cabo pela vontade esclarecida do Marquês de Pombal, a qual, acompanhando os ventos da Europa culta, colocou particular ênfase no estudo das ciências da Natureza, Botânica, Zoologia, Mineralogia, Química, Física, Astronomia e Matemática<sup>38</sup>, sem descurar outros saberes, como é óbvio, como o Direito e a Teologia.

Para se perceber o alcance da reforma, basta que se indique que os *Estatutos*, então concedidos à Universidade (1772), criaram não só novas Faculdades, de Matemática e de Filosofia Natural, como, anexos a esta última, o Museu ou Gabinete de História Natural, o Jardim Botânico, o Gabinete de Física Experimental, o Laboratório Químico, o Observatório Astronómico<sup>39</sup>.

Em tais espaços, puderam ilustrar-se e deixar voar o seu espírito, mestres e alunos<sup>40</sup>, dos quais, no momento, nos interessam os brasileiros.

Sem nos podermos debruçar sobre todos quantos estudaram em Coimbra<sup>41</sup>, dentre eles merecem lembrança e citação João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (Rio de Janeiro, 1772 – Lisboa, 1799)<sup>42</sup>; José Monteiro da Rocha (Marco de Canaveses (Portugal), 1734 – S. João de Riba-Mar (Lisboa), 1819)<sup>43</sup>; D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutin-

---

35. Embora aos estudantes brasileiros se abrissem também os cargos da administração central do reino e de todo o império português; cfr. Fonseca, 1997, pp. 1030-1040 e Ferro, 2020.

36. A este propósito é extremamente interessante a obra de Valladares et al., 1991, na qual se ilustram as melhores expressões desse intercâmbio cultural, aqui, pela sua natureza, sobretudo no sentido Portugal – Brasil.

37. Sobre esta matéria são de interesse os artigos de Silva, 1999, pp. 561-577, e Boschi, 1999, pp. 601-629.

38. Sobre a vertente «científica» da reforma pombalina, Fiolhais et al., s.d.e; Martins e Fiolhais, s.d.c., Sobre os estudantes «reformistas», ver Fonseca, 2017.

39. E ainda o Hospital e o Dispensatório Farmacêutico, no contexto da Faculdade de Medicina. Sobre a história das citadas instituições até meados do século XIX, ver Carvalho, 1872, pp. 177-253. Veja-se, ainda, Silva, 2013; Figueiredo, 2013; Martins, s.d.a.

40. Além de que a política do Marquês de Pombal e a de D. Maria I, soberana que se seguiu ao rei a quem Pombal serviu (D. José), se desdobrou também de uma outra vertente de internacionalização dos intelectuais portugueses, através da concessão de bolsas de estudo no estrangeiro.

41. E acerca dos quais, pacientemente, se poderão encontrar referências em Almeida, 2010.

42. Para esta figura, ver a biografia (com a respectiva bibliografia) apresentadas por Almeida, 2010, p. 152; Calmon, 1982, pp. 93-100; Bandeira, 2017.

43. Figueiredo, Fernando Bandeira e Duarte, António Leal, 2019.

ho (Rio de Janeiro, 1735 – 1822)<sup>44</sup>; José Francisco Leal, (Rio de Janeiro, 1744 – Coimbra, 1786)<sup>45</sup>; José Correia Picanço (Goiana, 1745-Rio de Janeiro, 1823)<sup>46</sup>; José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu (Baía, 1756 – Rio de Janeiro, 1835)<sup>47</sup>; Francisco de Mello Franco (Minas Gerais, 1757 – São Paulo, 1823)<sup>48</sup>; José Bonifácio de Andrade e Silva (São Paulo, 1763 – Rio de Janeiro, 1838)<sup>49</sup>; Vicente Coelho Seabra Silva Teles (São Paulo, c. 1764 – 1804)<sup>50</sup>; Mateus Valente do Couto (Pará, 1765 – 1834)<sup>51</sup>.

Pelo exposto, bem se pode concluir que, nesse promissor século XVIII, Portugal muito ficou a dever a jovens brasileiros que demandaram Portugal para a sua formação, tendo-se destacado em várias áreas do saber, desde a Medicina, a Matemática, a Astronomia, a Cartografia, até àquelas, emergentes por então, como as ciências ligadas à Natureza, que já apontámos. São, afinal, um produto desta interação entre um Brasil colonial, ávido de saber e pujante de vida, e uma Universidade velha de séculos, renovada pelo sangue de uma juventude inquieta, entre a qual eles tinham oportunidade de brilhar<sup>52</sup>.

---

44. Alves, 2019.

45. Pita et al., 2016.

46. Guimarães, s.d.

47. Marques, 2022.

48. Bizzo, 2011, e Marinho, 2011 e 2012.

49. Formado em Leis e em Filosofia [Natural], grande mineralogista, geólogo e químico (em sua memória e honra, o geólogo e mineralogista americano James Dwight Dana nomeou uma espécie de granada com o nome de *andradita*), foi figura central por ocasião das invasões francesas em Portugal (1807-1811), com protagonismo no fabrico de balas para o exército; foi membro da recém-criada Academia das Ciências de Lisboa. Regressado ao Brasil, foi figura preeminente do novel estado, como Ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros do Brasil, além de ter participado na redacção da primeira constituição do Brasil; a sua participação no processo independentista valeu-lhe o título, recente (11.01.2018) de *Patrono da Independência do Brasil*. Sobre a sua formação e obra, ver Carvalho, 1872, pp. 302-309; Cavalcante, 1999, pp. 579-600; Marques e Filgueiras, 2009. Diga-se, a propósito da sua obra em Portugal que, no fabrico da pólvora, muito se deve também a um seu contemporâneo em Coimbra, o P. Tomé Rodrigues Sobral, precisamente por isso chamado o «mestre da pólvora»; cfr. Costa, s.d.

50. Carvalho, 1872, pp. 298-300. Professor da Faculdade de Filosofia, escreveu uma obra sobre Química - *Elementos de Química* -, antecipando, em um ano, a publicação da própria obra de Lavoisier, *Tratado Elementar de Química*, no qual defendia as ideias que este viria a propor, em oposição à teoria do flogisto, proposta já no século XVIII, por Georg Ernest Sthal; cfr. Martins e Fiolhais, s.d.c.

51. Delfiol, 2022.

52. Não pode esquecer-se toda uma plêiade de estudiosos e servidores da coroa de Portugal que fizeram a sua formação apenas no Brasil, nos Colégios da Companhia de Jesus, em Salvador da Baía e Rio de Janeiro, tendo recebido, portanto, toda uma formação muito eivada dos saberes que se estudavam em Portugal. Por exemplo, José Veloso Xavier, naturalista, dedicado ao estudo da botânica, particularmente a fluminense, e que viria a trabalhar no Real Museu e Jardim da Ajuda e foi membro da Academia Real das Ciências de Lisboa. Em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p16.html>. E ainda João Manso Pereira, químico; ver Filgueiras, 1992.

## Os brasileiros ao serviço de Portugal

Além de terem sido elementos fundamentais na reforma da Universidade, os brasileiros ilustrados foram ainda extraordinários agentes dos interesses portugueses na colónia e nas relações com seus vizinhos, prestando relevantes serviços à coroa de Portugal<sup>53</sup>.

Citemos alguns. A Francisco José de Lacerda e Almeida (São Paulo, 1753 – Cazembe [República da Zâmbia], 1798), que participou de expedições, no Brasil, conducentes à demarcação das fronteiras deste território com os de dominação espanhola, e a quem se ficou a dever a primeira tentativa de ligação das colónias portuguesas de Angola e Moçambique<sup>54</sup>, devem juntar-se o nome de Custódio Correia de Matos, com importante papel na administração de Cabo Verde<sup>55</sup>, e os de António Pires da Silva Pontes Leme (Mariana, 1750 – Rio de Janeiro, 1805), Bento Sanches d’Orta (Coimbra, 1739 – São Paulo 1794), João Jacinto Magalhães (Aveiro, 1722- Londres, 1790), todos eles com participação (directa ou indirecta<sup>56</sup>) em expedições conducentes à demarcação das fronteiras do Brasil com a América espanhola, decorrentes ou do Tratado de Madrid (1750) ou do Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, respectivamente entre D. João V de Portugal e Fernando VI de Espanha, e Carlos III de Espanha e D. Maria I de Portugal<sup>57</sup>. Estabeleceram novas coordenadas geográficas, realizaram observações meteorológicas, astronómicas e magnéticas, elaboraram novos mapas.

Mas não eram estes, apenas, os interesses dos estados. Portugal, como os restantes reinos, interessava-se por conhecer o território de que dispunha, em África e no Brasil, que, de tão grande, parecia não ter fim, ao contrário da exploração do ouro do Brasil, que ia mostrando o seu declínio. Essa tarefa levou-se a cabo através de expedições financiadas pela coroa, em «programas científicos» que ficaram consagrados sob a designação de *viagens filosóficas*<sup>58</sup>.

Uma vez mais a Universidade foi chamada a colaborar, pois a coroa portuguesa viu em muitos dos estudantes brasileiros em Coimbra, formados na escola de Domingos Vandelli<sup>59</sup>,

---

53. Martins, s.d.b.

54. Pereira e Ribas, 2018.

55. Almeida, 2010, pp. 274-275, considera que «As parcas notícias a seu respeito permitem deduzir que era formado em Cânones pela Universidade de Coimbra». Ver ainda, Pereira, 1999, pp. 153-190. Por sua vez, José António Caldas (1725-1782), engenheiro militar baiano, formado no Brasil, foi o encarregado, pela coroa, das fortificações das ilhas de São Tomé e Príncipe; ver Cruz, 2014. E Elias Alexandre da Silva Correia, foi militar em Angola e autor da primeira obra histórica sobre este território; cfr. Oliveira, 2012.

56. Caso do último citado, que nunca foi ao Brasil. Perito em instrumentos de observação astronómica e náutica, enviou objectos e aparelhos que foram usados para a resolução do problema das fronteiras do Brasil entre Portugal e Espanha. Em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p4.html>.

57. Sobre a aplicação da ciência a estes fins, ver Martins, 2017. No terreno, tiveram importante acção militar, José Fernandes Pinto Alpoim, (1700-1765) e António Gomes Freire de Andrade (1685 -1763).

58. Sobre estas, ver Carvalho, 1872, pp. 50-51.

59. Italiano, médico formado em Pádua, mas que haveria de ficar famoso pelos seus estudos naturalistas. Chegou a Portugal no âmbito da reforma pombalina da Universidade, para leccionar no Real Colégio dos Nobres (Lisboa), tendo sido incumbido da fundação do Real Jardim Botânico da Ajuda (1768), do qual foi director. Passou à Universidade, em Coimbra, à Faculdade de Filosofia, onde ensinou Química e História

o elemento propício e natural a esse fim, além de ter preparado todo um programa de observações, recolha, conservação e registos que guiarium os futuros «viajantes-investigadores» nos seus trabalhos, as chamadas *Instruções de viagens*<sup>60</sup>.

## Os brasileiros protagonistas de viagens filosóficas

Na segunda metade do século XVIII, já no reinado de D. Maria I, colher-se-iam, neste campo, os frutos da reforma pombalina. Por ordem da soberana, Alexandre Rodrigues Ferreira (Baía, 1755 – Lisboa, 1815) foi incumbido do conhecimento do Centro-Norte do Brasil, fazendo explorações nas capitanias de Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá<sup>61</sup>. Por sua vez, Manuel Arruda da Câmara (Paraíba, 1752 - Pernambuco, 1810) fez estudos entre Pernambuco e Piauí, Paraíba, Ceará<sup>62</sup>, e Joaquim Veloso de Miranda (Vila Rica, Brasil, 1736 - Minas Gerais, 1817 (?)) percorreu Minas Gerais, em busca de plantas e objectos para o Real Museu do Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa<sup>63</sup>.

É óbvio que não poderiam faltar os estudos sobre a mineração, tanto mais importantes quanto, como afirmámos, a exploração do ouro apresentava já significativa decadência. Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt Aguiar e Sá (Minas Gerais, c.1764 – Baía, c. 1835) seria um dos seus protagonistas, colhendo, a sua memória, a fundação do primeiro forno para a produção de ferro na América do Sul<sup>64</sup>; seu irmão, José de Sá Bettencourt (Minas Gerais, 1755 – 1828), também estudou em Coimbra e foi membro da Academia de Ciências de Lisboa. Regressado ao Brasil, em Minas Gerais, montou um laboratório em Caeté e processava ferro, que enviava para Portugal<sup>65</sup>. Pelo mesmo tempo, José Vieira Couto (Minas Gerais, 1752 – 1827) fazia prospecção, em Minas Gerais, sobre vários metais, entre os quais o salitre, de grande importância para a arte da guerra, uma vez que entra na composição

---

Natural. Foi o responsável pela escolha do local da implantação do Jardim Botânico, do estabelecimento do Laboratório *Chimico* e do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra. Foi o primeiro director do Laboratório *Chimico*. Talvez tenha pensado em uma viagem ao Brasil, que nunca se efectuou. Todavia, recebia informações e materiais do Brasil, nomeadamente dos governadores do Mato Grosso, Luís Pinto de Balsemão e de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, sucessor do anterior e, ele próprio, naturalista com formação universitária; cfr. Brigola, 2003, pp. 117-118 e 388-390. Ao lado de Vandelli, também Giovanni Antonio Dalla Bella (Pádua, 1730-c.1823) foi figura destacada no campo da Física; cfr. Carvalho, 1872, pp. 273-274, e em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p34.html>.

60. Nomeadamente, o *Rol dos instrumentos, drogas e mais utensílios pertencentes a Historia Natural, Physica e Chimica que são indispensáveis a hum naturalista que viaja*, da autoria de Domingos Vandelli. Sobre a matéria, ver Brigola, 2003, pp. 192-198, 200-205, 211-221; Fonseca, 2017.

61. Sobre este naturalista e a sua obra, ver Areia et al., 2011, e Casaleiro et al., 2011.

62. Krury, 2012.

63. Ferreira, 2013; Pereira, 2018.

64. Varela, 2006.

65. Maxwell, 2016.

da pólvora<sup>66</sup>. Por fim, João da Silva Feijó (Rio de Janeiro, 1760 – 1824) dedicou-se à mesma actividade no Ceará<sup>67</sup>, depois de ter levado a cabo idênticos trabalhos no reino e em Cabo Verde<sup>68</sup>. Merece ainda referência, José Alvares Maciel (Vila Rica, 1760 – Massangano, Angola, 1804), mineralogista e engenheiro, autor de prospecções nos arredores de Vila Rica (onde descobriu as minas de Saramenha) e, depois, em Angola, onde chegou a montar uma pequena siderurgia para a fundição do ferro<sup>69</sup>; Manuel Galvão da Silva (Baía, 1750 - ?), cuja obra mais importante decorreria na exploração do território moçambicano<sup>70</sup>; Martim Francisco Ribeiro de Andrada (Santos, 1775 – 1844), irmão de José Bonifácio, matemático e mineralogista, recebeu o encargo de explorações na Estremadura portuguesa e de Inspector das Minas e das Matas de São Paulo<sup>71</sup>.

Na brevidade do seu enunciado, são estes alguns dos nomes mais sonantes dentre as muitas centenas de estudantes brasileiros que passaram pela Universidade portuguesa, em Coimbra, entre 1600 e 1850<sup>72</sup>. Homens que, as mais das vezes, saíram de sua terra na primícia da juventude, retornando-lhe homens feitos, com ideias claras sobre o futuro, por vezes, com obra já reconhecida. Homens de origens diversas, unidos, afinal, em desideratos comuns, na ligação de mundos tão próximos e tão diferentes, que o mar e as viagens atlânticas proporcionavam.

Além da acção que muitos desenvolveram em Portugal, a eles se deve também a criação, no Brasil, de muitas das instituições de cultura desse grande país, replicando, na medida do tempo, as que haviam conhecido na Europa, particularmente em Portugal. O Museu Real do Rio de Janeiro, o Jardim Botânico da mesma cidade, as escolas de Medicina da Baía e do Rio de Janeiro, a primeira proposta de criação de uma universidade no Brasil, a fundação de um Jardim-Botânico em 1796, em Belém do Pará (o primeiro a ser criado no Brasil), onde se plantaram algumas *drogas do sertão* amazónico, por influência de Manuel Joaquim de Sousa Ferraz e Mendonça, que estudara Filosofia em Coimbra e Medicina em Montpellier, tudo se deve a estes homens que beberam o seu saber nas tranquilas terras do Mondego<sup>73</sup>.

Contudo, a eles se devem juntar ainda outros, nomeadamente Manuel Joaquim Henriques de Paiva (Castelo Branco (Portugal), 1752 – Baía, 1829)<sup>74</sup> e Bernardino António Gomes

---

66. Silva, 2002.

67. Silva, 2007.

68. Guedes, s.d., 1997; Pereira, 2022.

69. Araújo, 2012.

70. Boschioli, 2012.

71. Fiolhais et al., s.d.a.

72. Com a certeza de que fizemos incidir a nossa análise em personalidades que passaram pela Universidade portuguesa em Coimbra, também devemos indicar que, na sua maioria, foram membros da Academia Real das Ciências de Lisboa, recém-fundada (1779), facto que omitimos, por ocioso. No entanto, para a participação nesta importante instituição e para completude de informação, importa ver Lima, 2009.

73. Sobre a obra destes homens e o seu significado para a estruturação do Estado brasileiro, ver Fonseca, 2017. Sobre casos específicos, ver Fernandes e Henriques, 2011; Campos e Santos, 2011, e Piva, 2013.

74. Pinto et al., 2011.

(Paredes de Coura, 1768 – Lisboa, 1823)<sup>75</sup>, portugueses, mas cuja obra não se compreende sem a sua passagem pelo Brasil.

Por lá também auriram todo um conjunto de conhecimentos de outra natureza, ideológica, que permitiram, a muitos deles, ser agentes credenciados no processo de independência da sua terra, desde o malgrado momento da *Inconfidência mineira* (1789)<sup>76</sup>, até ao vitorioso grito do Ipiranga (07.09.1822).

## A memória dos brasileiros na Universidade de Coimbra

Passados os tempos da ligação colonial entre Portugal e o Brasil, quando foi profunda a relação entre os jovens da colónia e a Universidade de Coimbra, que ficou desse enlace? Naturalmente, perdurou todo um capital de pensamento e acção que torna indelével essa ligação, na complementaridade existente entre aqueles que gizaram as linhas do futuro dos povos e aqueles que as tornaram possíveis.

Na prática, ficaram os documentos processuais que testemunham a sua passagem por Coimbra, pela instituição universitária. Como perduraram também os vestígios materiais das suas obras, os testemunhos das suas relações mais ou menos profundas com a sua *alma mater*.

No Arquivo da Universidade de Coimbra, na Secção de Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade, nos seus espaços musealizados, especialmente no Museu de História Natural, ainda hoje se encontram muitos testemunhos ligados a esses e outros homens, por vezes muito menos famosos, mas nem por isso menos interessantes e menos importantes para a construção dessa terra que poderia ser *um outro Portugal*, como lhe chamou o jesuíta Fernão Cardim no século XVI.

Se a Universidade de Coimbra é rica em arte e tesouros artísticos, é-o também em materiais que dizem respeito ao Brasil. Desde logo, porque ela foi a herdeira da Companhia de Jesus, quando Sebastião José de Carvalho e Melo, o célebre Marquês de Pombal e poderoso ministro do rei D. José, a suprimiu em Portugal, expulsando os seus membros de todo o território português, em 1759. Ao receber os seus bens, a começar pelo importante Colégio que a Companhia possuía na cidade, a Universidade recebia também muito do seu arquivo, guardião dos seus bens e direitos. Se mais não houvesse, bastaria a imponência, ainda actual, do seu edifício, para lembrar essa intrínseca ligação. Mas há mais. Assim, o Arquivo da Universidade guarda, hoje, documentação extraordinária que diz respeito ao Brasil. Desde logo, o imenso rol de processos

---

75. Médico da Armada Real, a sua preparação para os estudos químicos e botânicos, levou-o aos estudos de várias plantas nativas do Brasil, tendo sido o primeiro cientista a isolar a *cinchonina* da árvore da *quina*, de larguíssimo futuro no tratamento do paludismo pelo *quinino*; cfr. Subtil, 2017.

76. Movimento que teve como característica essencial a conspiração separatista contra a soberania portuguesa. Aconteceu na capitania de Minas Gerais e contou com a participação de muitas personalidades da vida política local, entre elas, Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, Francisco de Paula Freire de Andrade e Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Descoberta a conjura, foram condenados, com o último a ser supliciado.

de matrículas dos alunos que, ao longo dos três séculos de vida em comum, rumaram do Brasil ao reino, para a frequentarem. Igualmente, possui um imenso fundo jesuítico, bem como documentação relativa à administração da colónia relativa, sobretudo aos séculos XVII e XVIII, mas remontando ainda ao XVI (até 1578) e estendendo-se até às duas primeiras décadas do século XVIII. Colecção privada, na sua origem, foi «conservada íntegra por D. Marcos de Noronha e Brito, (...) e assim mantida, por sua morte, na posse da família, (...) e adquirida em 1973 para fazer parte do espólio do Arquivo da Universidade de Coimbra»<sup>77</sup>.

Já a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui um importante núcleo de manuscritos relativos ao Brasil, onde se podem encontrar muitas matérias de interesse. São de proveniência muito diversa - livrarias de colégios universitários e de outras instituições eclesiásticas, de ofertas e de compras, pelo menos desde o final do século XVIII até hoje. Em miscelâneas de desigual tamanho e conteúdo, e talvez, até, proveniência, cuja apresentação actual bem pode ter sido organizada, ao longo do tempo, já na instituição<sup>78</sup>, acham-se relatos de viagens, notícias geográficas e políticas, papéis da administração em geral (fiscalidade, economia, vida militar, etc.), relações com indígenas, direito e justiça, administração eclesiástica (visitas canónicas, etc.), sermões, peças literárias, gramáticas, notícias ou documentos das instituições jesuíticas no Brasil, obras publicadas em Portugal, ou na Europa, por brasileiros, alunos ou ex-alunos da Universidade, obras ilustradas com múltiplos aspectos do Brasil colonial, até nascidas de interesses bem diversos dos brasileiros ou portugueses, como fossem os holandeses, etc.<sup>79</sup>.

A Universidade detém, ainda, um acervo relacionado com as viagens realizadas no território brasileiro no século XVIII, o que mais nos importa, no momento. Constituem elementos preciosos do seu Museu de História Natural e do Laboratório *Chimico*<sup>80</sup>.

Com efeito, a criação destes dois espaços remonta à época da reforma pombalina da Universidade, o tempo, já referido, de significativo progresso das ciências em Portugal, e no qual tiveram participação assinalável ex-estudantes brasileiros que tinham chegado a Coimbra para fazerem a sua formação na Universidade.

Embora o interesse oficial pelos estudos científicos se assinale antes, pelos anos de 1760<sup>81</sup> – até em consequência do grande terramoto de Lisboa, de 1755 –, foi no contexto

---

77. Veiga, 1988, p. 9. Além de ter sido o último vice-rei do Brasil, D. Marcos de Noronha e Brito foi governador e capitão-general da Baía entre 1810-1818, ministro da Marinha e presidente do ministério constituído em 1821, junto do Príncipe Regente D. Pedro. Agradecemos muito algumas destas informações à Senhora Dra. D. Ana Maria Leitão Bandeira, Subdirectora do Arquivo da Universidade de Coimbra.

78. Agradecemos muito esta informação ao Senhor Dr. E. A. Maia do Amaral, Subdirector da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

79. Morais, 1941.

80. Sobre este, ver o interessantíssimo sítio, Cardoso, 2018, que fornece excelentes elementos históricos, bem como estudos sobre os homens e a instituição. Ver, ainda, Pires e Pereira, 2016.

81. Em 1768, no reinado de D. José e sob o governo do Marquês de Pombal, foi criado o Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda. O seu criador e primeiro director foi Domenico Vandelli, já citado. Em 1781, a Academia Real das Ciências de Lisboa publicava as *Breves instruções aos correspondentes*

reformista da Universidade que os estudos científicos ganharam lugar, como já foi referido. Com efeito, não era mais a curiosidade pelo estranho e pelo exótico a orientar os olhares sobre a Natureza; agora, pretendia-se o seu estudo, baseado em observação e análise, isto é, impunha-se o espírito científico próprio do tempo<sup>82</sup>. Exigiam-se também novos espaços, adequados e funcionais. Para esse fim, a Universidade pôde contar com a disponibilidade de instalações próprias, o antigo Colégio de Jesus (fundado em 1542 pela Companhia de Jesus), vago pela saída forçada dos jesuítas, e agora e adaptado ao novo uso<sup>83</sup>.

De acordo com o espírito do tempo, o Gabinete de História Natural deveria receber materiais – colecções –, que se achassem com interesse aos estudos a prosseguir na Universidade. Foram incorporadas colecções privadas (Domingos Vandelli e Rollen-Van Deck<sup>84</sup>) e foi enriquecido pelo espólio do Colégio dos Nobres, evidenciando o insucesso desta escola<sup>85</sup>. Pela análise de catálogos da primeira colecção indicada, ainda do século XVIII, pode saber-se que integrava os mais diversos e variados produtos dos três reinos da Natureza, provenientes do Brasil<sup>86</sup>. Já no início do século XIX (1806), por ordem régia, veio a ser enriquecido com

---

*da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos, e noticias pertencentes a Historia da Natureza, para formar um Museu Nacional, dirigidas aos académicos, e destinadas a orientar a pesquisa e recolha de materiais para a instituição. Sobre o Museu de História Natural, pode ler-se Póvoas et al., 2016. Ver ainda, Brigola, 2003, pp. 89-171 e 229-361.*

82. Tal como o definiam os Estatutos concedidos à Universidade em 1772: «Sendo manifesto que nenhuma cousa pode contribuir mais para o adiantamento da História Natural do que à vista contínua dos objectos, que ela comprehende, a qual produz ideias cheias de mais força, e verdade, do que todas as descrições as mais exactas, e as figuras mais perfectas: He necessário para ficar dignamente o estudo da Natureza no centro da Universidade, que se faça huma collecção dos productos que pertencem aos três Reinos da mesma Natureza» (*Estatutos da Universidade de Coimbra*, Livro III, Tit. VI, Cap. I, p. 388).

83. Sobre o Museu e a sua história, ver Pedro J. Enrech Casaleiro, 2019; Amaral et al., 2012, e Fiolhais et al., s.d.d. Pelo tempo, as instituições foram sofrendo algumas modificações, que, por ocioso, nos dispensamos de referir. Obviamente que o Museu não comportava os estudos de Química. Esta ciência viria a dispor de edifício próprio, construído entre 1773-1777; cfr. Fiolhais et al., s.d.b.

84. José Rollen Van-Deck foi um marinheiro francês, ao serviço de Portugal na segunda metade do século XVIII. Sobre a sua biografia e a sua colecção, ver Brigola, 2003, pp. 161-171. Acerca destas colecções, ver Simões e Casaleiro, 2013.

85. Criado por alvará régio de 7 de Março de 1761, foi inaugurado a 19 de Março 1766. Em vista do pouco interesse manifestado pelos nobres no estudo experimental das ciências, foi este abolido, no Colégio, em 1772, determinando-se a passagem dos seus materiais para a Universidade, em Coimbra.

86. Brigola, 2003, pp. 160-161. Em Absolon et al., 2018, pode ler-se o conteúdo de uma *Relação dos nomes de animaes e pássaros que se remetteram para sua majestade*, segundo uma «Carta do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa a Martinho de Melo e Castro em 16 de fevereiro de 1785», destacando a remessa de 32 espécimes animais em duas caixas para as «Quintas reaes»; Papavero e Teixeira, 2013; Pais, 2018. Diga-se, ainda, que muitos materiais das viagens de Alexandre Rodrigues Ferreira se encontram em Lisboa, no Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa, onde foram integrados por Frei José de Jesus Mayne, franciscano da Terceira Ordem da Penitência e seu primeiro geral. Foi membro da Academia das Ciências de Lisboa, onde foi criador, benemérito e responsável por uma aula ligada a matérias de História Natural e

materiais provenientes do Real Museu de História Natural e Jardim Botânico (da Ajuda)<sup>87</sup>, sobretudo, provenientes de acções orientadas e levadas a cabo por professores da Faculdade de Filosofia, nomeadamente, as do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, à Amazónia, por 1783-1792<sup>88</sup>. Além deles, nesse contexto, a Coimbra, chegaram, também, «117 objectos de várias proveniências, incluindo África (93), Ásia (16), Índia (1), Nova Hespânia (2) e Perú (5)»<sup>89</sup>. Mais tarde, embora, mas ainda provenientes da mesma matriz brasileira, o Museu seria enriquecido com novos materiais, pela generosidade do esclarecido rei D. Pedro V (1837-1861; 1853-1861)<sup>90</sup> e outros doadores, nomeadamente, o investigador Luís de Carvalho (1839-1898), também ele antigo aluno da Universidade de Coimbra<sup>91</sup>.

## Conclusão

Chegados ao Brasil em 1500, os portugueses mostraram-se deslumbrados pela terra e suas gentes, precisamente desde esse momento primordial. Iniciava-se, pela relação entre as gentes, uma diferente forma de convivência, e, pela forma de registo, isto é, a narrativa presencial, um novo modo de lembrança dos acontecimentos. Se aquelas, pelo tempo e pelas circunstâncias, se vieram a alterar, a segunda veio a ter um imenso e profícuo futuro. Inicativas individuais de colonos, missionários, militares, administradores, viajantes, produziram milhares de documentos, quer pela força das suas funções, quer pela sua livre e espontânea vontade, ao longo dos séculos de vigência da soberania portuguesa sobre a nova terra. Pela acção de muitos deles se foi assistindo a um conhecimento cada vez maior desse novo mundo, na sua geografia e antropologia.

---

para a qual fundou um Gabinete com «curiosidades», para ilustrar as matérias ensinadas; dentre elas, contavam-se muitos materiais das expedições de Alexandre Rodrigues Ferreira; cfr. Carvalho, 2000.

87. Este Museu teve, sucessivamente, as seguintes designações: Museu Nacional de Lisboa (1861; do qual se desdobrou, em 1878, o Jardim Botânico de Lisboa); Museu Nacional de História Natural (1926; integrado, desde 1911, na Faculdade de Ciências de Lisboa), que foi consumido, em grande parte (pelo menos nas suas colecções de Zoologia e Geologia), em 1978, por um enorme incêndio, até ao actual Museu Nacional de História Natural e da Ciência, da Universidade de Lisboa. Do matricial também seguiram alguns materiais, sobretudo respeitantes à Zoologia, para o Museu Nacional de História Natural de Lisboa, na Escola Politécnica de Lisboa, o Museu Açoriano em Ponta Delgada, o Gabinete de Zoologia da Academia Politécnica do Porto; cfr. Ceríaco, 2014.

88. Fiolhais et al., s.d.c, onde se podem ler informações acerca dos materiais chegados, que revelam, por sua vez, alguns dos interesses do explorador, nomeadamente a história natural e a antropologia; Simões et al., 2013. Num conspecto mais alargado ver, também, Callapez e Brandão, 2011; Gomes, 2011.

89. Segundo a *Relação dos Produtos naturais e industriaes que deste Real Museu se remetterão para a Universidade de Coimbra em 1806 (Ibidem)*. Sobre este documento ver Silva, 2011.

90. Nomeadamente aves e conchas; cfr. Carvalho, 1872, pp. 212-213. Este autor refere também a presença de «alguns grandes reptis do Brazil» (p. 212).

91. Já no final do século XIX; cfr. Costa, 2018.

Na corrente de emigração que, breve, se dirigiu ao Brasil, se gerou uma nova sociedade, portuguesa na sua identidade fundacional, brasílica nos seus anseios e projectos de vida, uma terra, e sua gente, sempre a caminho de um desígnio, de «cumprir seu ideal»<sup>92</sup>. Estabelecida na nova terra, nem esquecia, nem enjeitava a terra de origem, antes, cultivava laços e estabelecia elos. Assim, com o saber e as instituições que, em Portugal, o significavam. A Universidade foi, por isso, um lugar de excelência para o aprofundamento de tais laços, ao mesmo tempo que proporcionou a formação de uma elite de saber que acompanharia, assim, a inovação que Portugal sofreria por via da reforma universitária pombalina, no século XVIII, bem como se haveria de distinguir em serviços ao reino, em breve nos lugares cimeiros de um Brasil independente no início do século XIX. Por sua vez, o Brasil foi um dos lugares mais estudados pelos universitários formados na Universidade reformada, nos seus cursos de pendor científico.

Não admira, por isso, o relevo que o Brasil adquiriu nas mais variadas colecções que, ainda hoje, integram o espólio da vetusta Universidade portuguesa e são, ainda na actualidade, factor da sua riqueza científica e do seu orgulho de «velha senhora».

---

92. Como canta Chico Buarque em «Fado tropical», composição de 1973 (com Ruy Guerra), para a peça de teatro musicado *Calabar, o elogio da traição*.

## Bibliografia

- Absolon, Bruno Araujo et al. (2018). O primeiro Gabinete de História Natural do Brasil (“Casa dos Pássaros”) e a contribuição de Francisco Xavier Cardoso Caldeira. Em: <https://www.abfhib.org/FHB/FHB-13-1/FHB-13-01-01-Bruno-Araujo-Absolon-et-al.pdf>.
- Albuquerque, Luís de (Dir.) (1989a). *O reconhecimento do Brasil*. Alfa.
- Albuquerque, Luís de (Dir. e Comentário) (1989b). *Notícia do Brasil*. Alfa.
- Albuquerque, Luís de (Dir.) (1989c). *Cultura e opulência do Brasil*. Alfa.
- Albuquerque, Luís de (Dir.) (1993a). *Portugal no Mundo*. 3 vols. Alfa.
- Albuquerque, Luís de (1993b). Navegações além do cabo Bojador no tempo do infante D. Henrique: o seu objectivo. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 1* (pp. 137-149). Alfa
- Albuquerque, Luís de (Dir.) e Domingues, Francisco Contente (Coord.) (1994). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. 2 vols. Círculo de Leitores.
- Almeida, Palmira Morais Rocha de (2010). *Dicionário de autores no Brasil Colonial*. Colibri.
- Alves, Carlos Fernando Teixeira (2019). D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, uma biografia (1735-1822). Em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.145431>.
- Amaral, Ana Rita et al. (2012). O contexto museológico da antropologia na Universidade de Coimbra: Uma síntese histórica (1772-1933). Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/ocontexto/ocont](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/ocontexto/ocont).
- Andrade, António Alberto Banha de (1972). *Mundos novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos descobrimentos geográficos portugueses*. Junta de Investigações do Ultramar.
- Andrade, Manuel Correia de (1999). Os descobrimentos portugueses: Brasil e África. *Revista Portuguesa de História*, 33, pp. 43-66.
- Araújo, Ana Cristina (2001). O maravilhoso mundo “recontrado” na América Portuguesa. Em Luís A. de Oliveira Ramos et al. (Coord.) *Estudos em homenagem a João Francisco Marques* (pp. 170-182). Faculdade de Letras, D. L.
- Araújo, Ana Cristina, e Fonseca, Fernando Taveira da (Coords.) (2017). *A Universidade pombalina: ciência, território e coleções científicas*. Em: <http://hdl.handle.net/10316.2/43169>.
- Araújo, Robson Jorge de (2012). José Álvares Maciel: o químico inconfidente. Em: <https://biblioteca-quimicaufmg2010.files.wordpress.com/2012/02/josc3a9-c3a1lvares-maciel.doc>.
- Areia, Manuel Rodrigues Laranjeira et al. (2011). Da Universidade de Coimbra ao Brasil: é muito o que nos une (s.d.). Em: [https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/](https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/), pp. 171-183.
- Bandeira, Ana Maria Leitão (2017). “Mano muito do meu coração...” Reconstituição do arquivo pessoal de D. Francisco de Lemos e transcrição das cartas de seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (1775-1779). Em: <http://hdl.handle.net/10316.2/42781>.
- Barreto, Luís Filipe (1993). As viagens marítimas e a nova visão do mundo e da natureza. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 2* (pp. 406-413). Alfa.
- Bizzo, Maria Leticia Galluzi (2011). “Tudo o que não é vivificado, é expulso deste admirável laboratório vital”: Francisco de Mello Franco (1757-1822) e a dietética iluminista. Em: [https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/](https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/), pp. 594-613.

- Boschi, Caio César (1999). A comercialização dos livros da Directoria Geral dos Estudos para o Brasil. (Apontamentos para uma investigação histórica). *Revista Portuguesa de História*, 33, pp. 601-629.
- Boschioli, Veridiana de Azevedo (2012). O naturalista Manuel Galvão da Silva. Em: <http://eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/rj/Anais/2006/ic/Veridiana%20de%20Azevedo%20Boschioli.pdf>.
- Brigola, João Carlos Pires (2003). *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII*. Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Callapez, Pedro, e Brandão, José Manuel (2011). Da Filosofia Natural à Modernidade: Dois Séculos de colecionismo geológico (e paleontológico) na Universidade de Coimbra. Em: <http://hdl.handle.net/10400.9/1839>.
- Calmon, Pedro (1982). A reforma da Universidade e os dois brasileiros que a planearam. *Revista de História das Ideias*, IV-II, pp. 93-100.
- Campos, José Adolfo, e Santos, Nadja Paraense dos (2011). A Astronomia nas propostas de criação de Universidades no Império do Brasil. Em: [https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/](https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/), pp. 1093-1105.
- Cardim, Fernão (1925). *Tratados da terra e gente do Brasil*. (Batista Caetano, João Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia, eds.). J. Leite & Cia.
- Cardim, Fernão (1997). *Tratados da terra e gente do Brasil* (Ana Maria de Azevedo, ed.). Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Cardoso, Augusto Correia (2018). *Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra. 200 anos de Química em Portugal (1772-1974)*. Edições Minerva. Em: [https://www.researchgate.net/profile/Augusto-Cardoso/publication/337902096\\_Laboratorio\\_Chimico\\_da\\_Universidade\\_de\\_Coimbra\\_200\\_anos\\_de\\_Quimica\\_em\\_Portugal\\_1774-1974/links/5df17c114585159aa4766433/](https://www.researchgate.net/profile/Augusto-Cardoso/publication/337902096_Laboratorio_Chimico_da_Universidade_de_Coimbra_200_anos_de_Quimica_em_Portugal_1774-1974/links/5df17c114585159aa4766433/).
- Carneiro, Roberto, e Matos, Artur Teodoro de (Coords.) (2001). *Memória de Portugal. O milénio português*. Círculo de Leitores.
- Carvalho, Joaquim Augusto Simões de (1872). *Memória histórica da Faculdade de Philosophia*. Imprensa da Universidade.
- Carvalho, Rómulo de (2000). *O material etnográfico do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*. Academia das Ciências.
- Casaleiro, Pedro et al. (2011). Redescoberta da coleção ictiológica do século XVIII no Museu da Ciência, Universidade de Coimbra”. Em: [https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/](https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/), pp. 1006-1017.
- Casaleiro, Pedro Júlio Enrech (2019). Ir ao Museu: tesouros do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Em: <https://pontosj.pt/especial/ir-ao-museu-tesouros-do-museu-da-ciencia-da-universidade-de-coimbra/>.
- Castro, Aníbal Pinto de (1993). Os Descobrimentos na literatura portuguesa. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 2* (pp. 355-364). Alfa.
- Cavalcante, Berenice (1999). Itinerários de leitura: a formação de um ilustrado luso-brasileiro, *Revista Portuguesa de História*, 33, pp. 579-600.
- Ceríaco, Luís Miguel Pires (2014). *A evolução da Zoologia e dos museus de História Natural em Portugal*. Universidade de Évora. Em: <http://hdl.handle.net/10174/20827>.

- Cortesão, Jaime (org.) (1956). *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica*, I-V a VIII. Edição Comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. Lisboa: Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro.
- Costa, António Marinho Amorim (s. d.). Rodrigues Sobral (1759-1829) e a análise química na Universidade de Coimbra no início do século XIX. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/rodrigues/rod](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/rodrigues/rod).
- Costa, Rita Daniela Cordeiro Paiva (2018). Luís de Carvalho e as coleções de zoologia legadas à Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em: <http://handle.net/10316/81917>.
- Cruz, João José de Sousa (2014, on line). Sargento-mor de Infantaria, com exercício de Engenharia, José António Caldas (1725/1782). Em: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/991>.
- Delfiol, Tatiana de Andrade Aguilar (2022). Um breve contexto do ensino da Matemática no Brasil no século XVIII. Em: <https://histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/article/download/486/418>.
- Dias, Jill (1993). As primeiras penetrações portuguesas em África. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 1* (pp. 281-299). Alfa.
- Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)* (1972). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Faria, Miguel Figueira de (1995). Brasil: visões europeias da América Lusitana, *Oceanos*, 24. Em: <https://repositorio/ual.pt/handle/11144/698>.
- Fernandes, António Carlos Sequeira, e Henriques, Deise Dias Rêgo (2011). José da Costa Azevedo e Custódio Alves Serrão: da formação na Universidade de Coimbra à importante atuação na estruturação do Museu Nacional no Brasil. Em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38450>.
- Ferreira, Gustavo Oliveira (2013). *As polémicas flores: Joaquim Veloso de Miranda e a prática científica nas Minas Setecentistas*. Em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/20456>.
- Ferro, Manuel (2020). Contributo(s) para a formação de uma identidade. Brasileiros na Universidade de Coimbra. Em: [http://www.uc.pt/rualarga/anteriores/RL21/21\\_16](http://www.uc.pt/rualarga/anteriores/RL21/21_16).
- Figueiredo, Fernando Bandeira (2013). O Observatório astronómico (1772-1837). Em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38513>.
- Figueiredo, Fernando Bandeira, e Duarte, António Leal (2019). José Monteiro da Rocha (1734-1819). Um Matemático ao serviço do Estado. Comemoração do Bicentenário da sua morte. Em: <https://gazeta.spm.pt/getArtigo?gid=1561>.
- Filgueiras, Carlos Alberto Lombardi (1992). João Manso Pereira. Químico empírico do Brasil colonial. Em: [http://quimicanova.s bq.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=884](http://quimicanova.s bq.org.br/detalhe_artigo.asp?id=884).
- Filipe, Carlos Mattoso (1993a). Primeiro contacto com terras brasileiras. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 2* (198-209). Alfa.
- Filipe, Carlos Mattoso (1993b). Colonização. A fixação de colonos e o reconhecimento das riquezas brasileiras. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 2* (pp. 210-222). Alfa.
- Fiolhais, Carlos Manuel Baptista et al. (Coord.) (s.d.a, on line). Os Andrada e Silva: de Coimbra à independência do Brasil. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/brasileiros/andrada](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/brasileiros/andrada).
- Fiolhais, Carlos Manuel Baptista et al. (Coord.) (s.d.b, on line). O Laboratorio Chimico e o Colégio de Jesus. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/museu/labchimico](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/museu/labchimico).

- Fiolhais, Carlos Manuel Baptista et al. (Coord.) (s.d.c, on line). O desenvolvimento da exploração mineira no Brasil. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/brasileiros/desenvolvi](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/brasileiros/desenvolvi).
- Fiolhais, Carlos Manuel Baptista et al. (Coord.) (s.d.d, on line). A criação do Museu de História Natural e as coleções do séc. XVIII. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/ocontexto/2\\_acriacao](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/ocontexto/2_acriacao).
- Fiolhais, Carlos Manuel Baptista et al. (Coord.) (s.d.e, on line). Curso de Philosophia Natural, profissionalização do viajante-naturalista e ‘conflito de faculdades’ (1772-1808). Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/curso](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/curso).
- Fonseca, Fernando Taveira da (1997). O saber universitário e os universitários no Ultramar. Em *História da Universidade em Portugal. I (II) (1537-1771)*. (pp. 1015-1040). Universidade de Coimbra.
- Fonseca, Fernando Taveira da (1999). *Scientiae thesaurus mirabilis*: estudantes de origem brasileira na Universidade de Coimbra (1601-1850). *Revista Portuguesa de História*, 33, pp. 527-559.
- Fonseca, Fernando Taveira da (2017). Uma primeira educação do olhar: Universidade e estudantes de Coimbra na transição reformista. Em: [https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6\\_2](https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6_2).
- Fonseca, Luís Adão da (2001). Viagem entre o Ocidente e o Oriente. Em Carneiro, Roberto, e Matos, Artur Teodoro de (Coords.) *Memória de Portugal. O milénio português* (pp. 264-265). Círculo de Leitores.
- Freitas, Ricardo Cabral de (2013). Francisco de Mello Franco (1757-1822) na Ilustração Luso-Brasileira (1790-1821): reforma cultural e medicina-filosófica. Em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364762234\\_ARQUIVO\\_ANPUH2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364762234_ARQUIVO_ANPUH2013.pdf).
- Gomes, Maria Fernanda Daniel Lopes (2011). Do Gabinete de História natural da Faculdade de Filosofia ao Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências. Em: [https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas\\_congresso/](https://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/#http://www.uc.pt/congressos/clbhc/actas_congresso/), pp. 1220-1234.
- Guedes, Maria Estela (s.d.). João da Silva Feijó, viagem filosófica a Cabo Verde. Em: [https://www.researchgate.net/publication/267241714\\_Joao\\_da\\_Silva\\_Feijo\\_viagem\\_filosofica\\_a\\_Cabo\\_Verde](https://www.researchgate.net/publication/267241714_Joao_da_Silva_Feijo_viagem_filosofica_a_Cabo_Verde).
- Guedes, Max Justo (1993). O descobrimento e as primeiras viagens de reconhecimento. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 2* (pp. 180-197). Alfa.
- Guimarães, Mário (s.d.). Um pernambucano na corte. Em: <http://itarget.com.br/services/itpack3.1/uploads/sgp/arquivos/1808-%20Um%20pernambucano%20na%20corte.pdf>.
- História da Universidade em Portugal* (1997). 1 vol., 2 tomos. Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian.
- Krury, Lorelai Brilhante (2012). Manuel Arruda da Câmara: a República das Letras nos sertões. Em: [https://www.researchgate.net/publication/343141136\\_Manuel\\_Arruda\\_da\\_Camara\\_A\\_Republica\\_das\\_Letras\\_nos\\_Sertoos](https://www.researchgate.net/publication/343141136_Manuel_Arruda_da_Camara_A_Republica_das_Letras_nos_Sertoos).
- Lima, Péricles Pedrosa (2009). *Homens de ciência a serviço da coroa. Os intelectuais do Brasil na Academia Real de Ciências de Lisboa. 1779/1822*. Em: <http://hdl.handle.net/10451/514>.
- Lopes, Marília (1993). A exploração económica da Guiné e de Cabo Verde nos séculos XV e XVI. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 1* (pp. 250-263). Alfa.

- Marinho, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha (2011). Coimbra, Lisboa e Província de São Paulo. Circulação de saberes, vínculos de poder e exercício da medicina no trânsito Colônia-Império. As trajetórias de Francisco e Justiniano de Mello Franco (1757 -1839)”. Em: [https://www.uc.pt/congressos/clubhc/programa\\_final](https://www.uc.pt/congressos/clubhc/programa_final).
- Marinho, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha (2012). A difusão da Medicina acadêmica e das práticas científicas no espaço lusobrasileiro. Da Corte à Província, a trajetória de Francisco de Mello Franco de Lisboa a São Paulo. (1783-1839). Em: [https://www.13snhct.sbhct.org.br/recursos/anais/10/1345067879\\_ARQUIVO\\_SBHC2012JustinianoeaDifusaodaMedicinaAcademicaedasPraticasCientificasnoEspacoLuso-brasileiro-MariaGabrielaS.M.C.Marinho.pdf](https://www.13snhct.sbhct.org.br/recursos/anais/10/1345067879_ARQUIVO_SBHC2012JustinianoeaDifusaodaMedicinaAcademicaedasPraticasCientificasnoEspacoLuso-brasileiro-MariaGabrielaS.M.C.Marinho.pdf).
- Marques, Adílio Jorge, e Filgueiras, Carlos Alberto Lombardi (2009, on line). *Uma família de químicos unindo Brasil e Portugal*”. Em: [https://www.academia.edu/19023884/Uma\\_fam%C3%ADlia\\_de\\_qu%C3%ADmicos\\_unindo\\_Brasil\\_e\\_Portugal](https://www.academia.edu/19023884/Uma_fam%C3%ADlia_de_qu%C3%ADmicos_unindo_Brasil_e_Portugal).
- Marques, Danilo (2022). José da Silva Lisboa, visconde de Cairu (1756-1835). Em: <https://riomemorias.com.br/memoria/jose-da-silva-lisboa-visconde-de-cairu-1756-1835/>.
- Martins, Carlos Moura (2017). A aplicação da ciência à política do território na transição do século XVIII para o século XIX. Em: [https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6\\_8](https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6_8).
- Martins, Décio Ruivo. (s.d.a). A Faculdade de Filosofia Natural (1772-1911). Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/facilonatural/afac](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/facilonatural/afac).
- Martins, Décio Ruivo (s.d.b). Brasileiros na reforma pombalina. Criando novos caminhos da Ciência entre Portugal e o Brasil. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/brasileiros/bras](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/brasileiros/bras).
- Martins, Décio Ruivo, e Fiolhais, Carlos Fiolhais (s.d.c). As ciências exactas e naturais em Coimbra. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/cienciasexactas/ascienc](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/cienciasexactas/ascienc).
- Matos, Leonor Correia de (1993). O cruzamento de culturas. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 2* (pp. 337-354). Alfa.
- Maxwell, Kenneth (2016). Ensaio bibliográfico. Relações entre Portugal e Estados Unidos (1776-1820): Contribuições adicionais. Em: [https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista\\_ri/pdf/ri51/RI51\\_06KM.pdf](https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri51/RI51_06KM.pdf).
- Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)* (1958). Coligida e anotada pelo Padre António Brásio, C. S. Sp. Segunda Série. I. Agência Geral do Ultramar.
- Morais, Francisco (1941). *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra relativos ao Brasil. Extractos do Catálogo da Universidade de Coimbra*. Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra.
- Morais, Francisco (1949). Estudantes da universidade de Coimbra nascidos no Brasil, *Brasília*, IV (Suplemento).
- Oliveira, Ingrid Silva de (2012). As “histórias” de Angola e seus autores nos séculos XVII e XVIII: um estudo de caso dos militares Antonio de Cadornega e Elias Alexandre Correa”. Em: [http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338340715\\_ARQUIVO\\_Textocompletoanpuh2012.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338340715_ARQUIVO_Textocompletoanpuh2012.pdf).
- Montalbodo, Fracanzano de (1507). *Paesi novamente ritrovati per la navigatione di Spagna in Calicut. Et da Albertutio Vesputio Fiorentino intitulado Mondo Novo*. Henrico Vicentino.

- Pais, José Alberto (2018). *Das pobres colônias ricas à rica metrópole pobre: a formação das Coleções Zoológicas vivas reais em Portugal durante o século XVIII*. Em: <http://hdl.handle.net/unirio/12705>.
- Papavero, Nelson, e Teixeira, Dante Martins (2013). Animais enviados do Grão-Pará para as Quintas reais de Belém (Portugal) no século XVIII”. Em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7793.v44i2p121-169>.
- Pereira, Magnus Roberto de Mello (1999). Brasileiros a serviço do império. A África vista por naturais do Brasil, no século XVIII. *Revista Portuguesa de História*, 33, pp. 153-190.
- Pereira, Magnus Roberto de Mello (2022). *João da Silva Feijó: um homem de ciência no antigo Regime Português*. Em: <https://hdl.handle.net/1884/63941>.
- Pereira, Magnus Roberto de Mello, e Ribas, André Akamine (2018). Francisco José de Lacerda e Almeida: um astrônomo paulista no sertão africano. Em: <https://hdl.handle.net/1884/63935>.
- Pereira, Márcio Mota (2018). *Saber e honra: a trajetória do naturalista luso-brasileiro Joaquim Veloso de Miranda e as pesquisas em história natural na capitania de Minas Gerais (1746-18116)*. Em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B2ZPTD>.
- Pinto, João Rocha (1994). Literatura de viagens. Em Luís de Albuquerque (dir.) *Portugal no Mundo. Vol 2* (pp. 606-613). Alfa.
- Pinto, Sandrine Martins et al. (2011). Contributo do luso-brasileiro Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829) na divulgação da vacina contra a varíola em Portugal. Em: [https://cidtff.web.ua.pt/producao/vitor\\_bonifacio/actas\\_congresso.pdf](https://cidtff.web.ua.pt/producao/vitor_bonifacio/actas_congresso.pdf).
- Pires, Catarina Pereira, e Pereira, Gilberto Gonçalves (2016). Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: valorização de um patrimônio científico secular. Em: [https://www.researchgate.net/publication/296849600\\_O\\_Museu\\_da\\_Ciencia\\_da\\_Universidade\\_de\\_Coimbra\\_Valorizacao\\_de\\_um\\_patrimonio\\_cientifico\\_secular](https://www.researchgate.net/publication/296849600_O_Museu_da_Ciencia_da_Universidade_de_Coimbra_Valorizacao_de_um_patrimonio_cientifico_secular).
- Pita, João Rui et al. (2016). José Francisco Leal (1744-1786): brasileiro e primeiro professor de matéria médica e arte farmacêutica na Faculdade de Medicina após a reforma pombalina da Universidade de Coimbra. Em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/9540>.
- Piva, Teresa (2013). A evolução da Engenharia no Rio de Janeiro no período de 1765 a 1810. Em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38446>.
- Póvoas, Liliana et al. (2016). O Museu Nacional de História Natural – Uma história atribulada e uma questão em aberto. Em : <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/view/215>.
- Ramos, Luís A. de Oliveira et al. (Coord.) (2001). *Estudos em homenagem a João Francisco Marques, I*. Faculdade de Letras, D. L.
- Roncarati, Flávia (2007). *As fontes documentais nos relatos e descrições de viagens do mineralogista José Vieira Couto: os caminhos para as minas e a Estrada Real (século XIX)*. Em: <https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/fontes-documentais-nos-relatos-descricoes-viagens/flaviaroncarati.pdf>.
- Silva, Clarete Paranhos da (2007). As viagens filosóficas de João da Silva Feijó (1760-1824) no Ceará. Em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/12115/8476>.
- Silva, Clarete Paranhos da, (2002). O desvendar do grande livro da natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805. Annablume/FAPESP/Unicamp.
- Silva, Inês et al. (2011). Materiais botânicos e zoológicos das *Viagens Filosóficas* na Universidade de Coimbra. Em: [https://cidtff.web.ua.pt/producao/vitor\\_bonifacio/actas\\_congresso.pdf](https://cidtff.web.ua.pt/producao/vitor_bonifacio/actas_congresso.pdf).

- Silva, Jaime Carvalho e (2013). A Faculdade de Matemática (1772-1911). Em: <http://hdl.handle.net/10316.2/38512>.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da, (1999). Cultura letrada e cultura da realidade no Brasil dos fins do séc. XVII. *Revista Portuguesa de História*, 33, pp. 561-577.
- Simões, Carlota, e Casaleiro, Pedro (2013). Coleções Científicas do Iluminismo na Universidade de Coimbra. Em: [https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6\\_8](https://doi.org/10.14195/978-989-26-1366-6_8).
- Simões, Carlota et al. (2013). O Museu da Ciência: uma colecção científica do Século das Luzes. Em: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/Textos/museu/omuse](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/museu/omuse).
- Staden, Hans (2008). *Duas viagens ao Brasil: primeiros registos sobre o Brasil*. L&PM.
- Subtil, Carlos (2017) *Bernardino António Gomes: ilustre médico iluminista nascido em Paredes de Coura*; em: <http://hdl.handle.net/10400.26/18451>.
- Teixeira, Cid (1990). Roteiro. Em Valladares, Kátia et al. (Coord.) (1991). *Nordeste Histórico e Monumental*. IV. *Bahia* (pp. 29-79). Fundação Emílio Oldebrecht.
- Thevet, Fr. André (1558). *Les singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps*. Chez les heritiers de Maurice de la Porte.
- Valladares, Kátia et al. (Coord.) (1991). *Nordeste Histórico e Monumental*. IV. *Bahia*. Fundação Emílio Oldebrecht.
- Varela, Alex Gonçalves (2006). O processo de formação, especialização e profissionalização (1783-1800) do ilustrado Manuel Ferreira da Câmara”. Em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19043>.
- Veiga, Raul da Silva (1988). *Diplomas régios e outros documentos dados no governo do Brasil (Colecção Conde dos Arcos)*. Catálogo. Arquivo da Universidade de Coimbra.